

**Fundamentos Filosóficos
dos
“Apotegmas dos Padres do
Deserto”**



Patrícia Calvário

2011

www.lusosofia.net



LUSOSofia:press

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *Fundamentos filosóficos dos Apotegmas dos Padres do Deserto*

Autor: Patrícia Calvário

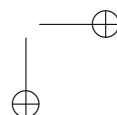
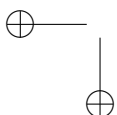
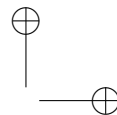
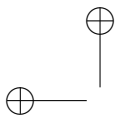
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

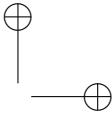
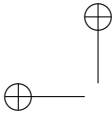
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. Silva Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011





Fundamentos filosóficos dos *Apotegmas dos Padres do Deserto*

Patrícia Calvário
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Conteúdo

*“O meu livro, ó filósofo, é a natureza das coisas criadas,
e sempre que quero posso tê-lo presente
para nele ler as palavras de Deus.”*

Santo Antão

Resumo: Iremos, nesta breve exposição, verificar se há alguma relação entre os *Apotegmas dos Padres do Deserto* e a filosofia ou, dito de outro modo, se poderá emergir uma filosofia a partir dos *Apotegmas*. Haverá um modo próprio de exercício filosófico latente nos *Apotegmas*?

Os *Apophthegmata Patrum* são uma colectânea de histórias (anedotas) e ditos referentes aos primeiros eremitas cristãos, que deixaram a vida citadina para se embrenharem nos desertos do Egipto, Síria e Palestina, para se dedicarem exclusivamente à vida ascética e mística de forma a criarem condições propícias a deixarem-se transformar por Deus. Procuravam a *theôsis*, a divinização. Esta forma de vida era considerada a única maneira de aceder à verdadeira Sabedoria e portanto, a via filosófica por excelência. E, nesta perspectiva, *mutatis mutandis*, os seus objectivos convergem com os das escolas filosóficas sobretudo a pitagórica, a neoplatónica e a estóica.

Enquanto estilo literário, os apotegmas são sentenças breves, incisivas e intensas, próximos da parábola e da sabedoria popular.

Os *Apotegmas dos Padres do Deserto* foram editados segundo duas formas: a Colecção Alfabética e a Colecção Sistemática. A primeira forma de apresentação dos Apotegmas contém cerca de 1000 ditos e histórias breves relacionadas com nomes de cerca de 130 monges célebres dispostas por ordem do alfabeto grego. A Colecção Sistemática contém os mesmos ditos e histórias, mas está organizada segundo temas como “o amor”, “o discernimento”, “a humildade”, “as paixões”, “a compunção”, “a liberdade”, etc.

Os Apotegmas eram transmitidos oralmente em copta; posteriormente começaram a circular sob a forma escrita em grego. Referem-se a monges que viveram no Egipto entre cerca de 330 e 460, sobretudo provenientes de comunidades monásticas do deserto de Scetis, no baixo Egipto¹. Como é que os apotegmas passaram de uma transmissão oral para a escrita é algo envolto em algum mistério. Harmless refere que o círculo de Abba Poemen

¹ Cfr. W. HARMLESS, *Desert Christians. An Introduction to the Literature of the Early Monasticism*, Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 170.

foi fulcral para a preservação da sabedoria dos eremitas. Um dos discípulos de Abba Poemen, Abba Isaías, escreveu uma obra intitulada *Asceticon* (c. 491) onde relata muitas das histórias contidas nos *Apophthegmata*, referindo os nomes das testemunhas que lhas transmitiram oralmente.

Nos Ditos dos Padres não há teorização, nem argumentação para defender determinada tese, nem sequer existe exegese bíblica. Normalmente relatam o encontro entre dois monges, um mestre e um discípulo ou um mestre e alguém que procura a Sabedoria. Esta é, aliás, uma inquietação transversal a toda a literatura do deserto. Face à ciência do mundo, propõem a sabedoria, que não raras vezes é confundida com a loucura por aqueles ainda não iniciados nos mistérios de Deus e da alma (“Disse um ancião: ‘Quanto mais alguém ficar louco pelo Senhor, mais o Senhor o tornará sábio’”²). Esta sabedoria constitui a verdadeira filosofia, pautada pela busca da Verdade, impossível de ser alcançada unicamente pela razão. Os monges defendiam antes que era necessária a harmonia entre todas as faculdades do homem, portanto só com todas as faculdades purificadas se conseguiam criar condições propícias à inabitação de Deus. Não era possível, para eles, pensar bem sem viver bem e, por conseguinte, só o que vive bem pode pensar bem.

Já a *Vita Antonii*, biografia de Santo Antão, considerado pai dos eremitas, e escrita por Santo Atanásio, denuncia o desequilíbrio racionalista dos filósofos. Seguem aqui duas passagens que evidenciam que, longe de proporem a eliminação da filosofia, sugerem antes que é necessário uma *metanoia* também da filosofia, que consideravam estar desviada do seu verdadeiro propósito, isto é, a busca da Sabedoria. O cristianismo apresentava-se como a nova filosofia.

“Uma vez chegaram à sua gruta dois filósofos gregos, pensando que se podiam divertir com António. Quando ele, que por essa

² C. CAMPO e P. DRAGHI (orgs.), *Ditos e Feitos dos Padres do Deserto*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, p. 28.

altura vivia na Montanha Exterior, detectou o tipo de carácter dos homens unicamente através das suas feições, foi ao seu encontro e disse-lhes através de um intérprete: ‘Porquê, ó filósofos, se deram a tanto trabalho para vir ter com um homem louco?’ Quando eles lhe responderam que não era louco, mas muito sábio, ele disse-lhes: ‘Se vieram ver um louco, o trabalho que tiveram para vir até aqui não faz sentido; mas se pensam que sou sábio, então façam o que eu faço, porque há que imitar o bom. Em verdade, se fosse eu a estar na vossa posição imitar-vos-ia; uma vez que sois vós a vir a mim, convertam-se no que sou, eu sou cristão’. Eles foram-se embora, admirados”.

Também outros filósofos o procuraram pensando que podiam zombar dele por não ter educação. António disse-lhes: “‘O que dizeis vós que vem primeiro? O sentido ou a letra? E qual é a origem de qual? O sentido da letra ou a letra do sentido? Quando eles responderam que o sentido vem primeiro e é origem da letra, António disse: ‘Por isso, quem tem uma mente sã não precisa das letras’”³.

Atanásio, na *Vita Antonii*, tem a preocupação de recorrer a uma linguagem que os pagãos pudessem compreender, mas ao mesmo tempo, que pudessem também perceber que o verdadeiro iniciado nos mistérios de Deus era o monge cristão. Para isso usa uma imagem tipicamente cristã de António. “Assim passou quase vinte anos praticando a vida ascética, não saindo nunca e raramente sendo visto. Depois disto, como havia muitos que ansiavam e aspiravam imitar a sua santa vida, os seus amigos vieram e forçaram a porta, derrubando-a, então António saiu como que de um santuário, como um iniciado nos sagrados mistérios e cheio do Espírito de Deus. Foi a primeira vez que António foi visto fora do forte.

³ S. Athanasius, *Vita Antonii*, PG 26, 835-978. Edição crítica: H. WACE e P. SCHAFF (eds.) (1892), *Nicene and Post-Nicene Fathers*, série II, Vol. IV, 188-221. Usámos a tradução espanhola: Monjes de la isla Liqueña (1991), *Vida de San Antonio, padre de los monjes*, Sevilla: Apostolado Mariano, p. 61.

Quando o viram, ficaram assombrados ao comprovar que o seu corpo conservava a antiga aparência: não estava obeso por falta de exercícios nem magro por causa do jejum e lutas com os demónios: era o mesmo homem que tinham conhecido antes da sua reclusão. O estado da sua alma era puro, pois não estava nem temeroso pela aflição, nem dissipado pela alegria, nem penetrado pela diversão ou desalento. Não se desconcertou quando viu a multidão nem se orgulhou por ver tantas pessoas a recebê-lo. Tinha um completo autodomínio, como homem guiado pela razão e com grande equilíbrio de carácter”⁴.

Como refere Derwas Chitty, o relato do reaparecimento de António recorda-nos que Porfírio, referindo-se a Plotino, o descreve como um homem envergonhado por ter corpo. Há aqui um nítido contraste entre o sábio cristão que atingiu a *theôsis* e o pagão. Neste último existe um claro dualismo. No primeiro, a perfeição supõe também o envolvimento do corpo⁵.

São muitos também os exemplos de Apotegmas que referem filósofos⁶ ou a filosofia. Mas para além destas referências explícitas, talvez seja mais interessante perceber a emergência silenciosa da filosofia a partir dos Apotegmas. Mas uma filosofia eminentemente prática, para onde, aliás, temos vindo a apontar, que concilia ao mesmo tempo uma vertente intelectual, moral e terapêutica⁷. *Os Apotegmas dos Padres do Deserto* são, pois, um exemplo de uma

⁴ *Vida de San Antonio, padre de los monjes*, p. 26.

⁵ Cfr. D.J. CHITTY, *El Desierto, una Ciudad*, trad. de C. MUNUERA, Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991, p. 18.

⁶ Ver por exemplo *The Sayings of the Desert Fathers. The Alphabetical Collection*, B. WARD (trad.), Kalamazoo: Cistercian Publications, 1975, p. 94, 41; p. 98, 1, 4.

⁷ Acerca do carácter da filosofia veja-se J. DOMANSKI, *La philosophie, théorie ou manière de vivre? Les controverses de l'Antiquité à la Renaissance*, Fribourg: Editions Universitaires de Fribourg, 1996; P. Hadot, *Philosophy as a Way of Life. Spiritual Exercises from Socrates to Foucault*, Oxford: Blackwell Publishers, 1995; A. MORÃO, *O Acto Filosófico como “Exercício Espiritual”*, 2004 in www.lusosofia.pt.

outra forma de filosofia, de tonalidade sapiencial, cujo sentido, para ser apreendido, requer o envolvimento não só da faculdade racional, mas também da imaginativa, da estética, da intelectual, da moral, enfim, do homem todo.

Os “ditos” ou “palavras de salvação”, que eram exclusivas e espontâneas, dirigidas a um monge específico, numa ocasião específica, uma chave para abrir um determinado coração, impelia à acção quer exterior, quer, e esta mais prezada pelos eremitas, à interior. A propósito da saída de uma lógica teorética marcada pelo abismo entre esta dimensão e uma outra prática, podemos indicar vários Apotegmas. Um deles refere Abba Teodoro: “Um irmão veio a Abba Teodoro e passou três dias suplicando que lhe dissesse uma palavra sem que tivesse sucesso. Então o irmão foi-se embora triste. O discípulo do velho perguntou-lhe ‘Abba, porque não lhe disseste uma palavra? Vê, ele foi embora triste’. O velho respondeu-lhe ‘Não lhe disse nada porque ele é um traficante que procura gloriar-se a si próprio através das palavras dos outros’”⁸.

Um outro apotegma conta como Abba Macário testa a perseverança e obediência de um irmão que insiste em receber uma palavra de salvação: “Um irmão veio ver Abba Macário, o Egípcíaco, e disse-lhe: ‘Abba, diga-me uma palavra, para que eu possa ser salvo’. Então o ancião disse: ‘Vai ao cemitério e insulta os mortos’. O irmão foi ao cemitério, zombou dos mortos e atirou-lhes com pedras; depois regressou para junto do velho e contou-lhe como tinha feito. O velho perguntou-lhe: ‘Os mortos disseram-te alguma coisa?’ Ele respondeu: ‘Não’. O velho disse: ‘Volta lá amanhã e louva os mortos’. Então o irmão foi-se embora e regressando ao cemitério louvou os mortos chamando-os de ‘Apóstolos, santos e homens justos’. Depois volta ao velho e diz-lhe: ‘Louvei os mortos’. E o velho perguntou-lhe: ‘Eles não te responderam?’ O irmão respondeu que não. Então o velho disse-lhe: ‘Viste como os insultaste e não te responderam e como os louvaste e não falaram?’

⁸ *The Alphabetical Collection*, p. 74, 3.

Faz assim tu também, se desejas ser salvo debes fazer o mesmo e tornar-te um homem morto. Tal como os mortos, não faças caso do desprezo ou dos louvores dos homens e assim poderás ser salvo”⁹.

Este Apotegma evoca algumas noções transversais à história da filosofia. Está claramente presente a ideia de *apatheia*, a imperturbabilidade da alma perante a adversidade, mas também perante o elogio. Sê como um homem morto, aconselha Abba Macário. A filosofia é um exercício de morrer, afirma Sócrates¹⁰.

Esta história simples esconde uma sabedoria e toca em algo de universal: o modo como se pode deixar que a vida seja determinada pelo louvor ou pela censura, pelas honras e pelas rejeições¹¹. Neste sentido, podemos ainda a partir dela vislumbrar o problema do individualismo. Outro apotegma diz: “Abba Alónio disse: “Se o homem não disser no seu coração: ‘Deus e eu estamos sós no mundo’, jamais terá repouso””. Mas este individualismo não é o iluminista, é antes a descoberta de uma solidão (que não é solipsista) ontológica que se manifesta como fruto da via ascética¹². Como refere Thomas Merton, “ser solitário é ser despojado. Mas este despojamento, longe de permitir ao solitário singularizar-se, deve fazê-lo compreender, pelo contrário, que penetrou numa solidão que é, na verdade, partilhada por todos, porque somos todos sós, e vivemos todos sob uma solidão dissimulada por símbolos empregados pelo homem para disfarçar e neutralizar a solidão. O solitário não re-

⁹ *The Alphabetical Collection*, p. 32, 23.

¹⁰ Platão, *Fedon*, 81a.

¹¹ Cfr. W. HARMLESS, *Desert Christians. An Introduction to the Literature of the Early Monasticism*, Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 171.

¹² “Deus é egoísta e não permite aos seus amigos que busquem outro consolo que não seja Ele... Ao princípio engana-nos com o consolo dos homens, mas chega o momento em que os homens não bastam, e o que dão é pouco, e não satisfaz a alma... Talvez lágrimas, talvez desenganos e desilusões... Que importa? Deus assim faz, a questão é seguir, e se a alma segue, encontra-se só... Misericórdia infinita de Deus!”, R. ARNÁIZ BARÓN, *Vida y Escritos del Beato Fray Maria Rafael Arnáiz Barón*, Editorial Perpetuo Socorro, pp. 367-8.

nuncia a unir-se aos outros, mas a uma aparência de união que não une verdadeiramente os homens a um nível profundo”¹³.

Era de facto exigida uma harmonia entre a dimensão mais intelectual, as virtudes e a sincera procura da perfeição evangélica supondo o martírio do ego. Uma das práticas que os monges consideravam essenciais para esta purificação era a manifestação dos pensamentos. Para adquirir a *hesychia* (paz do coração) requeria-se que todos os pensamentos fossem analisados, para isso era necessária uma vigilância (*nepsis*) constante. Há vários tratados posteriores aos Apotegmas que referem a “guarda do intelecto ou do coração”¹⁴. Também os Apotegmas são prolixos no que se refere a histórias e ditos sobre a custódia da mente: “Perguntaram um dia ao Abba Agatão: ‘Que coisa é melhor; a ascese corporal ou a custódia da mente?’ E ele respondeu: ‘Os homens são como as árvores; o trabalho do corpo representa a folhagem e a custódia da mente os frutos: ora, como está escrito, as árvores que não dão fruto serão cortadas e lançadas ao fogo. Tendo em consideração os frutos, devemos vigiar o que acontece connosco, ou seja, estar atentos à nossa mente. Mas também precisamos da sombra e da beleza da folhagem, que representam a ascese corporal’”¹⁵.

A grande parte da vida quotidiana dos monges era passada na cela, entre trabalhos manuais e a salmodia. Os monges dedicavam-se sobretudo à cestaria, o que lhes permitia manter a mente ocupada com a oração. A cela era o cadinho onde o monge fazia o seu trabalho interior. Aquilo que acontecia ao monge na cela tinha de ser discutido com o Abba. A conversa entre o monge e o seu Abba centrava-se não nos pecados em si, mas nos *logismoi*, nos pensamentos, que podiam incluir tentações, mas também qualquer tipo

¹³ T. MERTON, *Questions Disputées*, Paris: Albin Michel, 1963, p. 175

¹⁴ É muito abundante a literatura sobre a “guarda do coração”. Em toda a *Philokalia* se podem encontrar passagens sobre esta prática. Veja-se, por exemplo, Isaías, o Solitário, *On Guarding the Intellect: 27 Texts, The Philokalia. The Complete Text*, Faber and Faber, London, 1979.

¹⁵ *The Alphabetical Collection*, p. 21, 8.

de preocupação, algo em que o monge pensava ininterruptamente. Um “pensamento” podia ser simplesmente um desejo ou um sentimento, tal como, por exemplo, ter saudades de um familiar ou querer explorar o deserto¹⁶.

O Abba, como pessoa mais experiente, ajudava a discernir os pensamentos. Se eram bons, maus ou neutros: «Um irmão visitou o Abba Pastor e disse-lhe: ‘Acodem-me muitos pensamentos que me põem em perigo’. Então o ancião levou-o para o ar livre e disse-lhe: ‘Desaperta o teu hábito, deixa que o vento entre dentro dele e mantém-no capturado!’’. Mas o irmão respondeu-lhe: ‘Não consigo fazer isso!’’. E o Abba respondeu-lhe: ‘Se não consegues fazer isso, muito menos poderás impedir que esses pensamentos te assaltem; tudo o que podes fazer é resistir-lhes’’. Ou ainda um outro Apotegma: “Diziam os anciãos: ‘A todos os pensamentos que te assaltam, interroga: “Sois dos nossos ou vindes do inimigo?”’ E eles não deixarão de te confessar a sua natureza.”»¹⁷.

Um outro método para repelir os *logismoi*, para além do da sua manifestação ao Abba era a *antirrhexis*, que consistia na “contra-argumentação”. Esta técnica inspirava-se nas tentações de Cristo no deserto. Sempre que o demónio tentava Cristo, este repeliu-o com uma passagem da Sagrada Escritura (Mateus 4, 3-11). Os monges adaptaram este modelo; para cada mau pensamento ou sugestão encontravam na Escritura uma citação contrária. Evágrio Pontico escreveu um manual dividido em oito partes, correspondendo cada uma delas a um vício (gula, luxúria, avareza, ira, tristeza, acédia, vangloria e soberba)¹⁸. A cada mau pensamento faz corresponder uma passagem bíblica contrária.

¹⁶ Cfr. W. HARMLESS, *Desert Christians. An Introduction to the Literature of the Early Monasticism*, Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 229.

¹⁷ *Ditos e Feitos dos Padres do Deserto*, pp. 61-2.

¹⁸ Veja-se Evágrio Pontico, *Antirrheticos*. Syriac text with Greek retroversion, W. FRANKENBERG (ed.), *Evagrius Ponticus*, Berlin, 1912, pp. 472-545; Evágrio Pôntico, *Tratado Práctico in Obras Espirituales*, Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1995.

“Contava-se de um irmão que tinha de lutar contra a blasfémia e que tinha vergonha de o admitir. O irmão dirigiu-se a um local onde sabia que viviam anciãos para lhes abrir o coração, mas quando chegou lá, ficou com vergonha de admitir a sua tentação. Então continuou diariamente a ir visitar Abba Poemen. O ancião percebeu que ele estava preocupado e ficou triste por o irmão não lhe dizer o que o atormentava. Um dia o ancião antecipou-se e disse: ‘Há já muito tempo que vens aqui para me dizer o que te atormenta e quando aqui chegas não o revelas, vais embora triste mantendo os teus pensamentos só para ti. Agora, meu filho, vais dizer-me de que se trata’. Ele disse-lhe: ‘O demónio luta contra mim e faz-me blasfemar Deus e tenho vergonha de o dizer’. O irmão contou tudo ao ancião e imediatamente se sentiu aliviado. O ancião disse-lhe: ‘Não estejas triste, meu filho, de cada vez que esse pensamento te assaltar diz: ‘Isto não é da minha conta, que a tua blasfémia fique contigo, Satanás, pois a minha alma não a quer’. Tudo o que a alma não deseja não se mantém nela’, e assim o irmão foi embora curado”.

Esta anedota revela que Abba Poemen era um homem exímio na interpretação das reacções dos que o procuravam, pois imediatamente percebe que algo preocupa o irmão. O Abba mostra um grande conhecimento no discernimento e é capaz de uma grande sensibilidade e empatia. Não há sequer um único tom de reprovação na atitude do ancião.

Um outro exemplo de manifestação dos pensamentos é o de Abba Longino: “O abade Longino foi consultar o abade Lúcio e disse-lhe: ‘Tenho três pensamentos: o primeiro é partir para levar uma vida de peregrino’. E o ancião respondeu-lhe: ‘Se não souberes dominar a tua língua nos lugares para onde fores, jamais serás peregrino; mas se conseguires dominá-la lá, também conseguirás dominá-la aqui’. O abade Longino disse então: ‘Eis o meu segundo pensamento: não cortar com o jejum senão por dois dias’. E o abade Lúcio voltou a responder: ‘O profeta Isaías disse: “Cur-

var a cabeça até ao chão como um junco não basta para que o teu jejum agrade a Deus”; protege antes o teu espírito dos maus pensamentos’. ‘O meu terceiro projecto, – continuou o abade Longino – é o de afastar o meu olhar dos homens’. ‘Se não procurares em primeiro lugar corrigir-te no meio deles’, respondeu Lúcio, ‘não é vivendo sozinho que poderás corrigir-te’¹⁹.

Através desta pequena história pode-se depreender a astúcia de Abba Lúcio. Ao contrário da história anterior, nesta aparecem dois Abbas e, por isso, não há hesitação em revelar os pensamentos, e as tentações que manifestam são muito mais subtis. O interrogado revela um grande conhecimento das profundezas do humano e desmascara as tentações ocultas sob a aparência de elevação espiritual. São, aliás, o orgulho e a vanglória as paixões mais difíceis de ser erradicadas. Segundo João de Apameia (século VI) o orgulho acompanha quase todo o percurso espiritual do homem²⁰. Abba Lúcio habilmente percebe o problema do qual padecia Abba Longino, isto é, o orgulho espiritual. Evágrio Pôntico refere que a vanglória e o orgulho são os principais perigos para o monge que teve sucesso no combate contra os outros pensamentos²¹.

É também frequente a literatura sobre a acédia ou o “demónio do meio-dia”²². Jean-Claude Larchet descreve a acédia da seguinte

¹⁹ *Ditos e Feitos dos Padres do Deserto*, pp. 91-2.

²⁰ João, o Solitário, *Dialogue sur l'Âme et les Passions des Hommes*, I. HAUSHERR (trad.), Roma: Pont. Inst. Orientalium Studiorum, 1939, p. 83.

²¹ Evágrio Pôntico, *Tratado Práctico* in *Obras Espirituales*, Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1995, p. 142, 14.

²² A designação decorre do Salmo 90. João Cassiano indica que é especialmente por volta do meio-dia que o adversário ataca os solitários. Também pode ser uma metáfora que se refere não a uma hora cronológica, mas sim espiritual. Aqueles que vão já a meio do percurso ascético, quando já fizeram muita penitência muitas vezes sem qualquer fruto visível, as excessivas práticas ascéticas corporais e pneumáticas sem que se veja uma transformação interior provocam um estado de desânimo no eremita, que o leva a querer sair da cela, vaguear para procurar outro sítio para viver. Os anciãos aconselham por isso a que os acometidos por esta paixão não deixem nunca as suas celas.

forma: “corresponde a certos estados de preguiça e de tédio, mas também envolve o desgosto, aversão, lassidão, bem como o desânimo, desencorajamento, apatia, torpor, indiferença, sonolência, abatimento do corpo e da alma (...). A acédia envolve uma vaga e geral sensação de insatisfação. A pessoa, desde o momento em que fica sob o efeito desta paixão, deixa de ter gosto em seja o que for. Acha tudo sem sentido e insípido, e deixa de se interessar por tudo”²³. Esta doença espiritual pode ser identificada com o que actualmente se designa em psiquiatria por depressão. Os Apotegmas referem inúmeros casos de monges atacados pela acédia e também a respectiva solução proposta nas “palavras de salvação” dos anciãos²⁴.

Por fim, gostaríamos de fazer apenas mais um breve comentário a um Apotegma que bem poderia ter sido retirado de uma obra de Proudhon: “Dois anciãos viveram juntos muitos anos e nunca discutiram entre si. E um disse ao outro: ‘E se discutíssemos ao menos uma vez, como fazem os outros?’”. E o irmão respondeu: “Não sei como fazer”. Então o outro disse: “Vou colocar uma pedra entre nós e digo: ‘É minha’, e tu deves dizer: ‘Não, é minha!’”. “É

²³ J.-C. LARCHET, *Mental Disorders and Spiritual Healing. Teachings from the Early Christian East*, Hillsdale: Sophia Perennis, 2005, p. 102.

²⁴ “Havia um irmão que vivia no deserto da Tebaida. Um dia o seguinte pensamento apareceu na sua mente: ‘Porque vives aqui desta forma inútil? Levanta-te e vai ao mosteiro e ali poderás fazer progressos’. Então ele pôs-se a caminho e encontrou Abba Pafnutio e partilhou com ele o seu pensamento. O ancião disse-lhe: ‘Vai e mantém-te na tua cela; faz apenas uma oração de manhã, uma de tarde e outra à noite. Quando tiveres fome, come; quando tiveres sede, bebe; quando estiveres cansado, dorme. Mas fica na tua cela e não faças caso desse pensamento’. O irmão foi-se embora e encontrou Abba João a quem contou o que lhe tinha dito Abba Pafnutio. Então Abba João disse: ‘Não rezes, fica apenas na cela’. O irmão retirou-se e entretanto encontrou Abba Arsénio e contou-lhe tudo o que os outros dois lhe tinham aconselhado fazer. O ancião respondeu: ‘Faz o que os outros te disseram. Não tenho nada mais a acrescentar’. O irmão retomou o seu caminho satisfeito”. *Alphabetical Collection*, p. 203, 5.

assim que começa uma disputa”. E colocaram um seixo entre os dois. Um deles disse: ‘É meu’. Disse o outro: ‘Não, é meu’. O primeiro respondeu: ‘Tens razão, é teu. Pega nele e vai-te embora’. E deste modo se separaram sem conseguir discutir”.

* * *

Cremos que, apesar de termos apenas afluído brevemente o manancial literário produzido nos desertos do Egipto durante o século IV, podemos concluir que, sem dúvida, há uma extrema riqueza sapiencial nos *Apotegmas*, sobretudo ao nível da antropologia e nosologia do psiquismo humano. Além de o conteúdo dos *Apotegmas* por si só suscitar o questionamento e reflexão, também enquanto forma literária é um veículo viável para a actividade filosófica. Foram, aliás, vários os que optaram por o fazer segundo a forma de aforismos, que muito se assemelham aos apotegmas. Lembremos, por exemplo, Nietzsche e Schopenhauer.

A reflexão acerca do estatuto da especulação filosófica ocupa também um lugar proeminente nos *Apotegmas*. Como vimos, os monges preocupam-se com as questões relacionadas com a verdade e tentam determinar o melhor caminho para a alcançar. Será o filosófico, à maneira dos pagãos ou será através da nova filosofia de Cristo? João de Apameia refere que tal como a um homem que tem uma doença corporal não lhe convém que se dedique ao estudo antes de se curar, da mesma forma de nada lhe aproveita estudar se antes “não teve a preocupação de conhecer as suas paixões; depois, quando recuperar a saúde da sua alma, poderá, com proveito, dedicar-se a todo o tipo de aprendizagem”²⁵.

²⁵ *Dialogue sur l'âme*, pp. 89-90

A filosofia do deserto – poderíamos designá-la assim – ou a filosofia emergente do deserto geográfico exige, como vimos, o envolvimento do homem todo, de todas as suas dimensões e pretende provocar uma *metanoia*, uma transfiguração do olhar, um desalojamento de uma condição de menos perfeição para o contínuo movimento²⁶ rumo a uma mais perfeita.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

- J.P. MIGNE (org.) (1844) *Patrologiae cursus completus (Series Latina): PL*.
- _____, (1857), *Patrologiae cursus completus (Series Graeca): PG*.
- *Apophthegmata Patrum*, PG 65, 71-440.
- *Verba Seniorum*, PL 73, 851-1062.
- Traduções: B. WARD (trad.), *The Sayings of the Desert Fathers. The Alphabetical Collection*, Kalamazoo: Cistercian Publications, 1975.
- C. CAMPO e P. DRAGHI (orgs.) (2003), *Ditos e Feitos dos Padres do Deserto*, Lisboa: Assirio & Alvim.

²⁶ São Gregório de Nissa ensina que o homem que domina as paixões alcança a estabilidade na rocha, Cristo. No entanto, esta estabilidade não é imóvel; é, antes, como o calmo fluir de um rio. Os Padres falam de *epektasis*, movimento estável. Cfr. T. SPIDLIK, *The Spirituality of the Christian East. A Systematic Handbook*, Collegeville: Liturgical Press, 1986, p. 71.

- S. Athanasius, *Vita Antonii*, PG 26, 835-978. Edição crítica: H. WACE e P. SCHAFF (eds.) (1892), *Nicene and Post-Nicene Fathers*, série II, Vol. IV, 188-221. Usámos a tradução espanhola: Monjes de la isla Liquiña (1991), *Vida de San Antonio, padre de los monjes*, Sevilla: Apostolado Mariano.
- Evágrio Pôntico, *Antirrheticos*. Syriac text with Greek retroversion, W. FRANKENBERG (ed.), *Evagrius Ponticus*, Berlin, 1912, pp. 472-545;
- _____, *Obras Espirituales*, Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1995.
- João, o Solitário, *Dialogue sur l'Âme et les Passions des Hommes*, I. HAUSHERR (trad.), Roma: Pont. Inst. Orientalium Studiorum, 1939.
- Platão, *Fédon*, Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

* * *

- R. ARNÁIZ BARÓN, *Vida y Escritos del Beato Fray Maria Rafael Arnáiz Barón*, Editorial Perpetuo Socorro, s/d.
- D.J. CHITTY, *El Desierto, una Ciudad*, trad. de C. MUNUERA, Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991.
- J. DOMANSKI, *La philosophie, théorie ou manière de vivre? Les controverses de l'Antiquité à la Renaissance*, Fribourg: Editions Universitaires de Fribourg, 1996.
- P. HADOT, *Philosophy as a Way of Life. Spiritual Exercises from Socrates to Foucault*, Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

- W. HARMLESS, *Desert Christians. An Introduction to the Literature of the Early Monasticism*, Oxford: Oxford University Press, 2004.
- J.-C. LARCHET, *Mental Disorders and Spiritual Healing. Teachings from the Early Christian East*, Hillsdale: Sophia Perennis, 2005.
- T. MERTON, *Questions Disputées*, Paris: Albin Michel, 1963.
- A. MORÃO, *O Acto Filosófico como “Exercício Espiritual”*, in www.lusosofia.net, 2004
- G.E.H. PALMER, P. SHERRARD, K. WARE (trads.), *The Philokalia. The Complete Text*, Faber and Faber, London, 1979.
- T. SPIDLIK, *The Spirituality of the Christian East. A Systematic Handbook*, Collegeville: Liturgical Press, 1986.
- *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus Editora, 1996.